

PARTIDOS POLÍTICOS E A CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

PARTIES POLÍTICS AND POST-MODERN CONDITION

Raimundo França²⁴

José Antonio Spinelli Lindoso²⁵

RESUMO

É discurso corrente nos dias atuais, principalmente, na política, o problema vivenciado pelos partidos políticos enquanto portadores de uma vontade coletiva. Essa crise é aguçada, mais ainda, quando do polêmico debate entre *Pós-modernidade* e *Condição Pós-Moderna*. Para tentar compreender essa questão, este ensaio procura fazer uma reflexão acerca dos acontecimentos que envolvem essa discussão, particularmente, procurando dar conta, ainda que comparativamente, dos elementos da *Pós-modernidade e a Condição Pós-Moderna*, assim como dos seus impactos no campo dos partidos políticos principalmente dos Partidos de Esquerda. Nesse sentido, norteamos-nos por caminho metodológico pela revisão bibliográfica, a partir de autores que tem como centralidade em suas reflexões teórica as temáticas aqui expostas que ajudam na correlação de sentido deste trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Modernidade. Pós-modernidade. Condição Pós-Moderna. Partido Político.

²⁴ Professor Assistente da Universidade do Estado do Mato Grosso(UNEMAT) e Doutorando em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte(UFRN). raimundofranca@gmail.com.

²⁵ Professor do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) - (ORIENTADOR).

1 INTRODUÇÃO

Um dos grandes debates travados por inúmeros teóricos da atualidade, entre eles Berman (1992), Evangelista (1999), Eagleton (1998), Harvey (1992), Jameson (1985), Baudrillard (1998) e Lyotard (1996), tem se dado sob os pilares da chamada *Modernidade*, que para efeitos históricos compreendemos pelo advento das Grandes Navegações já no Século XVI, mas que para muitos historiadores emergiu definitivamente com o surgimento do Capitalismo no Século XX e com as Revoluções Burguesas do Século XVIII e XIX, notadamente, com a Revolução Francesa. Estes acontecimentos seriam as razões fundadoras de um tipo de sociedade que não se orientava por uma concepção teocêntrica do mundo, mas se orientava pela idéias de *razão e progresso* que conhecemos por *Modernidade*. Entretanto, em finais do Século XX, a *Modernidade* foi posta à prova, sendo sua matriz seu projeto de civilização posto à prova, haja vista que a promessa de uma *razão* redentora e de um *progresso* contínuo não se confirmou, pondo inúmeras interrogações validade enquanto horizonte histórico.

Nesse sentido, o Partido Político também expoente do projeto Moderno, afinal os Partidos Políticos tal qual o conhecemos hoje surgiram segundo Cerroni (1982), Duverger (1980), Michels (1998), Marx (1998), Weber (2007), abraçando em seus projetos de conquista e manutenção, a idéia de *razão e progresso*.

Assim sendo, tal qual o sentido de Modernidade entrou em crise, os partidos políticos não passaram despercebido ileso por tal crise. Logo, o intuito deste artigo é, ainda que breve, analisar a crise atravessada pelos partidos políticos nesse quadro denominado de crise da Modernidade ou Condição Pós-Moderna, em que a mídia ocupa espaço central.

Para isso, partimos de três questões centrais, a saber: a primeira consiste nas semelhanças e diferenças da Modernidade e Pós-Modernidade; a segunda, os impactos da Condição Pós Moderna nos partidos políticos e a crise de representação e, por último, a reformulação das táticas e estratégias destes, bem como à consolidação de uma proposta de emancipação social e superação do capitalismo, posta como desafio, principalmente pelos Partidos de Esquerda, entendo-se por Esquerda a definição de Sader (1997).

[...] a distinção entre Direita e Esquerda para qual o ideal da igualdade sempre foi a estrela polar pela qual se orientou e continua a se orientar, é muito clara. (id.ib, p.86). O aprofundamento da desigualdade no mundo contemporâneo apenas dá à medida do caminho que a esquerda começou a percorrer. (SADER, p. 1995, p. 178).

Portanto, a tarefa que se exige dos partidos políticos frente à crise da Modernidade parecem ser mais complexos do que se imagina, impondo-lhes desafios e novas bandeiras para construção de uma sociedade do futuro, que tenha na Igualdade um lugar possível e não, um não lugar.

2 POS-MODERNIDADE OU CONDIÇÃO PÓS-MODERNA?

Durante a última metade do Século XX assistiu-se a mudanças profundas de Norte a Sul do planeta. Na política, por exemplo, presenciou-se a bipolarização do mundo entre o bloco soviético e o americano, as crises do sistema de governo soviético, inúmeras guerras civis e políticas; na economia, a superação do *fordi-taylorismo* pela produção flexível, ou ainda, o sistema de acumulação baseada na produção flexível e; na sociedade, os abalos sísmicos que a dilaceraram de seu chão de Leste a Oeste, como a Primeira e a Segunda Guerra Mundial.

Para muitos teóricos, isso se deve à falência do projeto de modernidade centrada nas idéias do Iluminismo, que apontava para uma razão universalizante, tendo a concepção do progresso humano como promessa de redenção humanitária. Entretanto, tal análise seria insuficiente, pois, ao adotá-la como premissa significaria afirmar que o Iluminismo era detentor de um conteúdo homogêneo de razão e, por outro lado, estaríamos negando a multiplicidade de correntes intelectuais e culturais que o constituía como processo diverso.

De outro modo, para muitos teóricos, as transformações ocorridas no século XX, não só dilapidaram o projeto o iluminista e projeto de modernidade, como estabeleceram novos pilares e, até mesmo, uma nova fase histórica que para pensadores como Lyotard (1998) e Baudrillard (1996) será cognominada de Pós-modernidade.

Para Lyotard, a chegada da pós-modernidade ligava-se ao surgimento de uma sociedade pós-industrial – teorizada por Daniel Bell e Alain Touraine – na qual o conhecimento tornava a principal força econômica de produção numa força econômica de produção numa corrente desviada dos Estados nacionais, embora ao mesmo tempo tendo perdido suas legitimações tradicionais. Porque, ser a sociedade era agora melhor concebida, não como um todo orgânico nem como um campo de conflito dualista (Sartre ou Marx), mas como uma rede de comunicações lingüísticas, a própria linguagem – todo vínculo social – compunha-se de uma multiplicidade de jogos diferentes, cujas regras não podem medir, e inter-relações agonísticas. Nessas condições a ciência virou apenas um jogo de linguagem dentre outros: já não poderia reivindicar o privilégio imperial sobre outras formas de conhecimento, que pretendia nos tempos modernos (ANDERSON, 1999, p. 32).

Assumir tal postura, a meu ver, seria um equívoco porque implicaria dizer: primeiro, que não estava contida na modernidade a idéia de fragmentação, fugidio, de passageiro e, segundo, porque significaria compreender que a modernidade seria mais um discurso puramente ideológico e não uma categoria imbricada ao próprio capitalismo.

Marx esclarece especificamente a relação entre cultura modernista e a economia e a sociedade burguesa – o mundo da modernização – das quais aquela surgiu. Veremos que os modernismos estão empenhados numa estranha dança dialética e, se acompanharmos seus movimentos, apreenderemos aspectos importantes do mundo moderno que todos partilhamos. (BERMAN, 1995, p. 89)

Dessa maneira, é impraticável dissociar-se ainda que, teoricamente, modernidade de capitalismo. “É necessário reconhecer que a modernidade coincide historicamente com advento do sistema capitalista de produção de mercadorias, sendo a sua mais adequada expressão sociocultural” (EVANGELISTA, 1999, p.8).

Além disso, é preciso que não se reduza à modernidade aos seus escombros universalizantes porque uma coisa já estava posta em seu seio, isto

é, a crítica. Negar isso é, no mínimo, descaso com o movimento intelectual que tinha na negação do modelo antigo, diga-se de passagem, a sociedade feudal seu elemento vital e, ao mesmo tempo, a presença de categorias críticas ao próprio fenômeno moderno como foram às idéias marxistas.

Todas as relações firmes, sólidas, com sua série de preconceitos e opiniões antigas e veneráveis foram varridas, todas as novas tornaram-se antiquadas antes que pudessem ossificar. Tudo que é sólido derrete-se no ar, tudo que é sagrada é profanado e os homens são por fim compelidos a enfrentar de modo sensato suas condições reais de vida e suas relações com seus semelhantes (MARX, 1998, p.14).

Apesar disso, não se pretende, ao longo desse texto, estabelecer uma definição entre “pós-modernidade” e modernidade, senão tentar situá-la claramente, para que aí se possa compreender o que realmente há de tão novo, que os profetas dessas idéias denominam de pós-modernidade. Segundo Jameson (1985), pós-modernidade é até hoje um conceito pouco aceito ou compreendido. Mesmo assim, faz-se necessário que se considere que ainda que não tenhamos um novo projeto civilizatório, como expressara tendências dentro da modernidade, principalmente, àquelas centradas nos partidos de massas. Tem-se, de fato, algo novo em nossos dias que precisa de uma análise mais criteriosa, pois o capital mudou sua forma de extração de suor humano, e também a própria percepção humana.

Para que as pessoas sobrevivam na sociedade moderna, qualquer que seja a sua classe, suas personalidades necessitavam assumir a fluidez e a forma aberta dessa sociedade. Homens e mulheres modernos precisam aprender a aspirar à mudança: não apenas estar aptos à mudança em sua vida pessoal e social, mas ir efetivamente em busca das mudanças procurá-las de maneira ativa, levando adiante. (BERMAN, 1995, p.95).

O capitalismo conseguiu através dos vários inventos tecnológicos redimensionar o espaço-temporal. Ou seja, se na modernidade concebia-se o

espaço e tempo como categorias fixas, hoje a idéia de espaço-tempo está circunscrita à flexibilidade, tanto do espaço, como do tempo. Idéias que estão bem nítidas no encurtamento do tempo de rotação do capital, isto é, reduziu-se o tempo de produção e de circulação do capital de tal forma que se pode falar em espaço-temporal processado.

Aceleração na produção foi alcançada por mudanças organizacionais na direção da desintegração vertical-subcontração, transferência de sede etc – que reverteram à tendência fordista de integração vertical e produziram um curso cada vez mais indireto na produção, mesmo diante da crescente centralização financeira. (HARVEY, 1992, p. 257).

Portanto, longe de termos uma ordem pós-moderna como alguns autores defendem, o que se verifica é, em alguma medida, a absorção de partes do pensamento moderno como seu, a exemplo do que aponta Harvey:

Não quero ser entendido erroneamente como se afirmasse haver uma mudança global de paradigma nas ordens cultural, social e econômica; qualquer alegação dessa natureza seria um exagero. Mas, num importante setor da nossa cultura, há uma notável mutação na sensibilidade, nas formações discursivas que distingue um conjunto pós-moderno de pressupostas experiências e proposições de um período precedente. (HARVEY, 1992, p.45).

Assim sendo, é inegável às mudanças transcorridas durante o último século que se deve em grande medida pelas inovações tecno-científica, bem como à reestruturação do capitalismo em escala mundial, que nos legou na expressão de Harvey (1992) a condição pós-moderna e não um novo projeto civilizatório, como bem define:

A inovação de Jameson nos traz, por fim, a sua ousada tese de que o pós-modernismo não é senão a lógica cultural do capitalismo avançado. Segundo Mandell(1995), ele alega que passamos para uma nova era a partir do início dos anos 60, quando a produção da cultura tornou-se integrada à produção de mercadorias em geral: a frenética urgência de produzir novas ondas de bens com a aparência cada vez mais nova(de

roupas a aviões), em taxas de transferência cada vez maiores, agora atribui uma função estrutural cada vez mais essencial à inovação e a experimentação estética. (HARVEY, 1992, p.65).

De qualquer modo, se a pós-modernidade não nos chegou, de uma coisa não há dúvida, o pós-modernismo proporcionou-nos um olhar mais atento para “às múltiplas formas de alteridade que emergem das diferenças de subjetividade, de gênero e de sexualidade de raça, de classe, de (configurações de sensibilidade) temporal e de localizações e deslocamentos geográficos espaciais e temporais” (HARVEY, 1992, p.109).

3 PARTIDOS POLÍTICOS E OS IMPACTOS DA CONDIÇÃO PÓS-MODERNA

Até aqui nossa preocupação primária era de compreender as distinções e aproximações teóricas em torno da Modernidade e Pós-modernidade. Agora, no entanto, nossa atenção dar-se-á às implicações desses acontecimentos no que concerne aos Partidos Políticos.

Os partidos políticos são, marcadamente, frutos do ambiente sócio-histórico da modernidade, especialmente, os declarados de esquerda. Afinal, a Pós-Revolução Francesa e os acontecimentos de 1848, em França, iniciou-se uma concepção de partido diferente daquelas enclausuradas nos clubes e sociedades secretas. É também em decorrência dos efeitos drásticos da Revolução Industrial que surgirá a partir do proletariado a concepção de Partidos de Massas e de representação política. Ou seja, o surgimento desses partidos está, claramente, centrado na questão do trabalho e, portanto, na emancipação do homem, bem como da luta pela liberdade, igualdade e participação. De modo que, os Partidos Políticos de cunho socialista de fins do Século XIX estão circunscritos à contradição capital-trabalho, bem como na crença da razão universal iluminista que prometia o progresso como forma redentora de emancipação humana.

Contudo, as transformações ocorridas na sociedade, principalmente, as incursões do capitalismo em escala global, mudaram a fábrica de lugar e,

portanto, o trabalhador. Logo, com essas mudanças operadas pelo capital, bem como, as crises vivenciadas pelos países socialistas, punham sérias e aterradoras questões aos partidos de esquerda, enquanto representantes e portadores de uma vontade coletiva capaz de emancipar o homem.

Imagine um movimento radical que tenha sofrido uma derrota estrondosa. Tão estrondosa, de fato, que me parecia improvável que saísse do ostracismo antes do decurso de uma vida, quando muito. A derrota que me ocorre não se resume ao desprezo tão tristemente familiar à esquerda política, e sim representa uma repulsa de tal modo definitiva, que pareceu desacreditar até mesmo os paradigmas que essa política tradicional cultivou. (EAGLETON, 1998, p.11).

Não resta dúvida, de que há uma crise dos Partidos Políticos, principalmente, das esquerdas, que estão fundados nas transformações ocorridas desde meados do Século XX, com as críticas ao Stalinismo e, por outro lado, às sucessivas mudanças no modo de produção capitalista e a perda da identidade de organização de classe pelo trabalho. Não pretendemos com isto, dizer que o trabalho não seja um elemento fundamental e inerente ao homem enquanto categoria ontológica, mas que os Partidos Políticos de Esquerda não poderão, a nosso ver, mais se referenciar, somente nele. Se o chão da fábrica mudou de lugar, é preciso encontrar outros nexos de organização, que estão inclusive postos nas idéias de pós-modernidade, como; raça, gênero, ecologia. Quem sabe? A partir disso, fazer uma nova forma de organização que não perca a idéia de totalidade e, portanto, de repulsa às correntes do capital. Talvez seja esse o grande desafio dos partidos políticos, principalmente, os de esquerda.

Durante décadas a representação parecia estar fundamentada em uma forte e estável relação de confiança entre o eleitorado e os partidos políticos; a grande maioria dos eleitores se identificava com um partido a ele se mantinham fiel. Hoje, porém, o eleitorado tende a votar de modo diferente de uma eleição para outra, e as pesquisas revelam que tem aumentado o número de eleitores que não se identificam com partido algum [...]. (MANIN, 1995, p. 01).

No momento histórico em que a cultura é mercadorificada e se transforma, senão na moeda de troca do capitalismo, pelo menos em seu apêndice e forma de sedução ao capital; no instante em que, os avanços tecnológicos dão nova forma de circulação do capital e das informações através da rede mundial de computadores; num momento em que, os países ditos desenvolvidos olham para o Espaço e já pensam em reparti-lo antes mesmo de o terem invadido ou dominado. Num momento em que, às relações face a face já não são preponderantes, nem nas relações cotidianas das pessoas, que dirão as relações políticas. No instante em que, a política mesmo a partidária é transformada na política da Imagem e mediatizada pelo novo Príncipe, ou seja: “O Príncipe Eletrônico sem o qual seria difícil compreender a teoria e a prática da política na época da globalização” (IANNI, 2000, p.143). Onde não sabemos, muitas vezes, se o que vemos é real ou virtual?

Tudo isso, evidencia um cenário de crise para os partidos políticos, principalmente para os partidos de esquerda, que precisam, necessariamente, rever suas táticas e estratégias diante desse quadro caótico em que, inclusive, a sua representação é questionada. Mas, que os velhos instrumentos continuam atuais (capital-trabalho) e surgiram instrumentos novos que precisam ser incorporados. Além disso, é preciso ter claro que os partidos políticos já não são os únicos portadores de uma representação coletiva, surgindo novos representantes alargados pela *sociedade civil*, que utilizamos aqui na concepção gramsciana, isto é, sem mercado.

Parece-nos que há uma crise evidente de representação e de paradigmas nos partidos políticos de um modo geral, mas principalmente, para os de Esquerda, que se ancoravam no solo da fábrica e no projeto iluminista de progresso universal. Estes ficaram presos às velhas estruturas e perderam o nexo dos acontecimentos, restando-lhes acordar do sono profundo e recuperar os nexos dos fatos para que continuem a ser peças importantes na construção de uma sociedade humana na qual possamos sonhar, porque no capitalismo não há sonho, há consumo de sonhos e o que não é consumo não pode ser sonhado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verificamos ao longo dessa discussão que não há um novo projeto civilizatório como prever alguns adeptos da “pós-modernidade”, mas, uma nova roupagem de dominação capitalista que utiliza várias estratégias, principalmente da cultura, na forma mercadoria, e dos meios tecnológicos de comunicação para fincar suas garras em todos os lugares.

Observou-se também que diante dos novos acontecimentos e crises transcorridos, ao longo do Século XX, houve uma mudança seguida de crise vivenciada pelos partidos políticos, notadamente, os de Esquerda, que perderam sua referencialidade, especialmente, com a flexibilização do trabalho na sua forma de acumulação flexível.

Assim como, o surgimento de novos instrumentos de mediação (meios de comunicação) representação (sociedade civil) e novas questões sociais que se não estavam para além do capital-trabalho, como: gênero, a ecologia, sexualidade, eram tratadas dentro do cenário moderno de forma secundária.

Tudo isso coloca para os partidos políticos um novo desafio, ou seja, captar esses nexos, surgido naquilo que Harvey denominou de Condição Pós-Moderna para incorporá-los à sua bandeira de luta, de maneira que se possa romper com as grades de nossa prisão, a desigualdade.



REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. **As Origens da Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999;

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: aventura da modernidade**. 9. reimpressão, São Paulo: Companhia das Letras, 1992;

BAUDRILLARD, Jean. **A Troca Simbólica e a Morte**. São Paulo: Loyola, 1996.

CERRONI, Umberto. **Teoria do Partido Político**. São Paulo: Livraria Editora de Ciências Humanas, 1982.

DUVERGER, Maurice. **Partidos Políticos**. Brasília: Zahar, 1980.

EAGLETON, Terry. **As Ilusões do Pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1998;

EVANGELISTA, João Emanuel. **“Ascensão” e “Queda” da Modernidade?**(mimeo). Natal/São Paulo, 1999.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre a mudança cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

IANNI, Octavio. Enigmas da Modernidade-Mundo. *In: O Príncipe Eletrônico*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

JAMESON, Fredric. Pós-modruidade e Sociedade de Consumo. *In: Novos Estudos* CEBRAP, nº 12, São Paulo, junho de 1985;

LYOTARD, Jean-Francois. **A Condição Pós-Moderna**. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympo, 1998.

MANIN, Bernard. **As Metamorfoses do Governo Representativo**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, n. 29;

MARX, K E ENGELS, F. **O Manifesto do Partido Comunista**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998;

MICHELS, Robert. **Political Parties: a sociological study of the oligarchical tendencies of modern democracy**. New Jersey: Library of congress. 1998.

SADER, Emir. **O Poder, cadê o poder?** Ensaios para uma nova esquerda. São Paulo: Boitempo, 1997.

_____. **O Anjo Torto.** São Paulo: Brasiliense, 1995.

WEBER, Max. **Ciência e Política:** Duas vocações. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.